

AIO

ano 1 . # 2

THIERRY JOCHUM

JANSSEM CARDOSO

Sylvia Sleigh

Bom Dia!

**Por que as estátuas tem
pau pequeno?**

O Homem Nu

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto.
site: Pedro Muraki

capa: *Nudez masculina*, acrílica em madeira de Thierry Jochum

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália masculina. Consulte com precaução caso sintam-se ofendidos.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

Editorial

Representatividade. A palavra da moda. O que essa edição quer trazer.

É preciso ficar bem claro que essa revista não levanta uma bandeira única de gênero. Sim, falamos sobre o corpo nu do homem, mas isso não significa que é uma revista gay. Afinal, mulheres também podem se interessar por homem pelado, não? Aliás, um machão deveria conhecer melhor o que tem entre as pernas...

A *Falo* é de todos os gêneros porque é uma revista de ARTE. E nem preciso dizer que Arte não tem gênero. Ou tem?

Nas pesquisas para essa edição, encontrei uma série de informações sobre isso, como o desejo dos pintores clássicos por suas musas, enquanto hoje temos pintores gays retratando o homem, ou as proibições do ensino da Arte para as mulheres. Por essa razão, senti a necessidade de procurar uma mulher na História da Arte que tivesse trabalhado o corpo masculino e tive o prazer de conhecer Sylvia Sleigh. Mulheres, não percam o *Falo de História*, pois Sylvia foi uma feminista que desafiou o patriarcado das artes!

Já no *Falorrágia*, eu respondo uma pergunta que com certeza passa na cabeça

de 10 entre 10 apreciadores de estátuas clássicas: por que os homens tem pau pequeno? E a resposta é tão boa que provavelmente o tamanho P passará a ser o documento oficial! Homens, não percam!

Os artistas dessa edição são o francês Thierry Jochum, que usa o nu como “arma”, e Janssem Cardoso, um fotógrafo amazonense que revela as cores exteriores e interiores de seus modelos. Janssem também é o fotógrafo da crônica do *Papo de Homem* sobre uma seção do site que registra a nudez humana – seja de homens ou mulheres.

Nessa segunda edição, abro uma nova sessão com material *Especial* sobre a nudez e já começo logo com a crônica de Fernando Sabino, *O Homem Nu*, contrapondo com a poesia *Nu não, livre* de Allan Lucena.

No *Falo em Foco*, uma obra de Sidney Amaral, infelizmente falecido em maio do ano passado. E no *moNUmento*, meu querido amigo e fotógrafo Marco Polo que aqui coloca seu corpo hercúleo para fazer jus ao nome da sessão.

Percebam que as aberturas dos artistas e da crônica do *Papo de Homem* são fotos de homens relaxados. Então, mulheres, homens, LGBTQQICAPF2K+, de todos os lugares e todas as cores: relaxem e se sintam representados! O espaço é de vocês!

Filipe Chagas, editor

APRESENTAÇÃO
Phallus nouveau 4

Thierry Jochum 8

Janssem Cardoso 18

FALO DE HISTÓRIA
Sylvia Sleigh 30

FALO EM FOCO 39

ESPECIAL
O Homem Nu 40

PAPO DE HOMEM
Bom Dia! 46

FALORRAGIA
Por que as estátuas
tem pau pequeno? 54

moNUmento 61

Phallus nouveau

por Filipe Chagas

ARTE NOVA

O *art nouveau* foi um estilo decorativo internacional que prosperou por cerca de duas décadas (c. 1890-1910). Englobou todas as artes projetuais – arquitetura, design de mobiliário e produto, moda e artes gráficas – e, conseqüentemente, abrangeu cartazes, embalagens e anúncios. A qualidade visual característica do estilo é uma linha orgânica, similar às feições botânicas: livre de raízes e da gravidade, ela podia ondular energicamente ou fluir com graça elegante à medida que define, modula e decora determinado espaço.

O termo *art nouveau* surgiu em uma galeria de Paris, aberta em 1895 como o *Salon de l'Art Nouveau*. Além de arte japonesa (maior inspiração do período), ali era exibida e vendida a “nova arte” de europeus e norte-americanos.

Mais efêmero e pontual, o design gráfico começou a mudar rapidamente rumo a *art nouveau* à medida que Jules Chéret, Eugène Grasset e Toulouse-Lautrec desenvolviam seus projetos. Foi no trabalho de Alfons Mucha que o estilo encontrou sua afirmação mais completa. Seu tema dominante era uma figura central feminina cercada de formas estilizadas derivadas de plantas e flores, de mosaicos bizantinos e até de magia e ocultismo.

Ilustração de
Alfons Mucha.



Quando o *art nouveau* chegou à Alemanha, foi chamado de *Jugendstil*, “estilo jovem”, devido ao nome da revista *Jugend* (juventude), que foi publicada de 1896 a 1940 em Munique. Conhecida durante a maior parte de sua existência pela postura libertária e esteticamente ousada, a *Jugend* é admirada até hoje.

Criada pelo jornalista George Hirth, a orientação editorial da revista para os colaboradores de textos era de que eles fossem “curtos e agradáveis”. Os ornamentos deveriam estar em praticamente todas as páginas, trazendo uma rica diversidade que estava a meio caminho entre material visual e texto.

O modo como a *Jugend* usava a tipografia, com fontes desenhadas à mão e fusões de letras e imagens – muitas vezes em detrimento da legibilidade –, teve grande influência nas artes gráficas e na publicidade posteriores. Uma política editorial inédita foi permitir que o designer de capa de cada semana desenhasse o título que acompanharia sua ilustração. No curso de um ano, a marca *Jugend* apareceu de modo variável, muitas vezes mesclada às linhas sinuosas do estilo.

Menosprezar o *art nouveau*, relegando-o à decoração superficial, é ignorar o seu papel central na evolução de todos os aspectos do design. Ele é um estilo transitório que evoluiu do historicismo que dominou o design durante a maior parte do século XIX e se tornou a fase inicial do movimento moderno, preparando o caminho para o século XX. Fez a ponte entre os vitorianos que buscavam soluções pré-estabelecidas e os modernos que adotaram motivos elegantes em harmonia com a natureza.



HARMONIA EM DESIGN

Você deve estar se perguntando o que o *art nouveau* tem a ver com nudez masculina quando, na verdade, foi um movimento que buscava a sensualidade sinuosa das formas naturais como referência feminina e imagem principal. Esse estilo – que mudou os rumos do design gráfico – foi a inspiração de toda identidade visual e projeto gráfico da Falo.

Vamos, então, à marca. Sua criação só foi possível após um estudo sobre a revista *Jugend* e os trabalhos tipográficos nas capas. No primeiro momento que viram o logotipo, os mais atentos perceberam que as formas sinuosas das letras não formavam somente uma palavra, mas também uma imagem bem peculiar: um falo. Você não viu? É só notar como o formato diferente da letra O lembra uma glândula com a letra L servindo de prepúcio (quem acompanha a revista no Facebook teve um tutorial bem mais visual, como esse aí embaixo!).



É interessante contar que esse design veio imediatamente junto com o nome da revista. No entanto, por ser quase literal, até mesmo outros nomes foram pensados. *Nu Art* ou somente *NU* foram dois deles que por pouco não foram os definitivos, com direito a estudo de marca usando ou formas triangulares com a ponta pra cima (quem leu/viu *O Códido Da Vinci* sabe que essa forma representa o masculino) ou padrões geométricos semicirculares que induziam a repetição do formato fálico.

Mas como escapar de um nome tão perfeito? De uma marca tão perfeitamente harmônica com o projeto? Não seria possível criar uma marca genérica com um nome genérico que poderia servir para qualquer tipo de nudez. Não. A essência da Falo é a Arte sobre a nudez masculina. Isso deveria estar traduzido em todas as suas nuances.

Assim, a concepção do projeto gráfico seguiu fácil. Sem querer perder legibilidade ou carregar na ornamentação e na sinuosidade que o

art nouveau pediria, a ideia foi utilizar pequenos artifícios que mantivessem essas características:

8=D A maioria das caixas de texto e fotos possuem bordas arredondadas: Mesmo que pontas possam ter referenciais semióticos na masculinidade, elas também podem trazer sensações de agressividade e autoridade. Só que uma ponta rombuda é bem mais conectada com a revista.

8=D Linhas com bolas: Só esse item já seria suficiente para explicar. A ideia é a simplificação da forma do falo. É ou não é uma linha com duas bolas? Portanto, são dois elementos que aparecem como ornamentação digna do *art nouveau*. E ainda tem outra representação... note a caixa de texto do *Sumário* que possui uma linha saindo. É ou não é uma ejaculação?

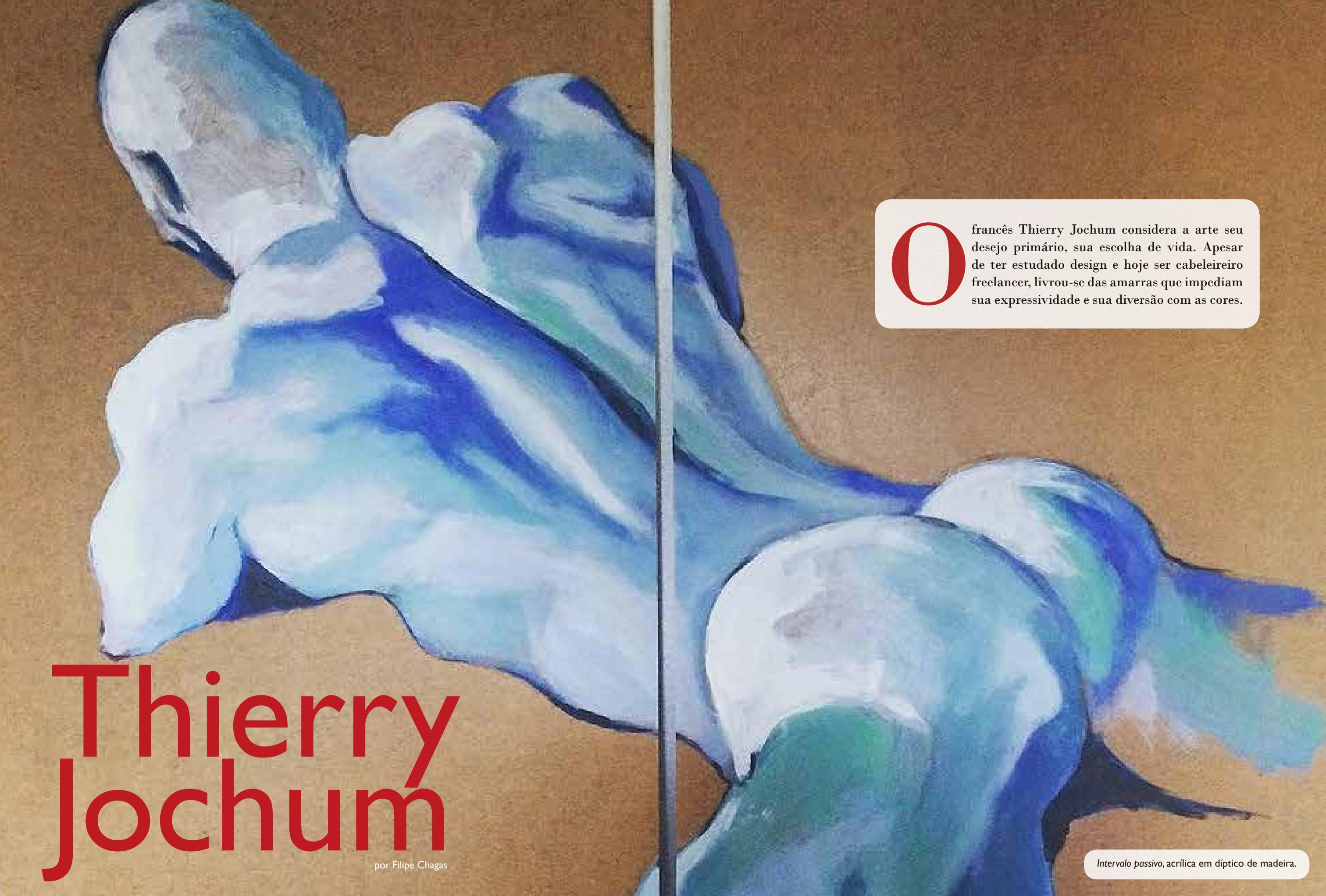
8=D Cores da carne: Vermelhos e rosáceos são cores extremamente ligadas ao feminino. Mas eu digo que não. Sabe-se que historicamente houve uma orientação religiosa (cansativa, como sempre) para azuis serem para meninos e vermelhos para meninas. Acontece que cor não tem gênero e as cores ligados ao vermelho fazem parte de todos nós. Somos carnis, viscerais. Somos pele, somos sangue. Essa é a paleta de cores da revista que varia nas sessões.

8=D Pequenos e importantes detalhes: As caixas de título parecem penetrar pelas laterais da página, assim como a numeração de página. Na sessão *Falo de História*, uma moldura (criada com linhas e bolas), dá o tom de antiguidade. E você notou a composição tipográfica que marca o fim de todas as matérias (e esses itens)? Você vê um emoji sorridente de lado ou um pequenino falo tipográfico?

Uma das premissas da revista é trazer conhecimento e, para isso, a legibilidade seria fundamental. *Bodoni* e *Gill Sans* foram as família tipográficas escolhidas, fugindo do *art nouveau*. Claro que não de todo... note que a capitular da sessão *Falo na História* (aquela letra que inicia o texto) e a numeração de página são uma fonte curvilínea. É a tipografia *Eckmann*, criada por Otto Eckmann, pintor alemão que seguiu o estilo jovem e trabalhou no início da revista *Jugend*.

Acredito que agora fez sentido conhecer o *art nouveau*. Espero que sua experiência com a revista se torne mais completa e harmônica. **8=D**

ABC
abc



O francês Thierry Jochum considera a arte seu desejo primário, sua escolha de vida. Apesar de ter estudado design e hoje ser cabeleireiro freelancer, livrou-se das amarras que impediam sua expressividade e sua diversão com as cores.

Thierry Jochum

por Filipe Chagas

Intervalo passivo, acrílica em díptico de madeira.



Nascido em 1981, em Estrasburgo, França, Thierry pinta com tinta acrílica em pranchas de madeira, misturando sua paleta de cores frias diretamente no suporte. Tendo Rembrandt, Rodin, Schiele e Klimt como referências de corpo humano e erotização, ele aplica seu olhar e testemunho sobre a sexualidade e usa a nudez masculina para exercitar seu senso estético e causar ruído.

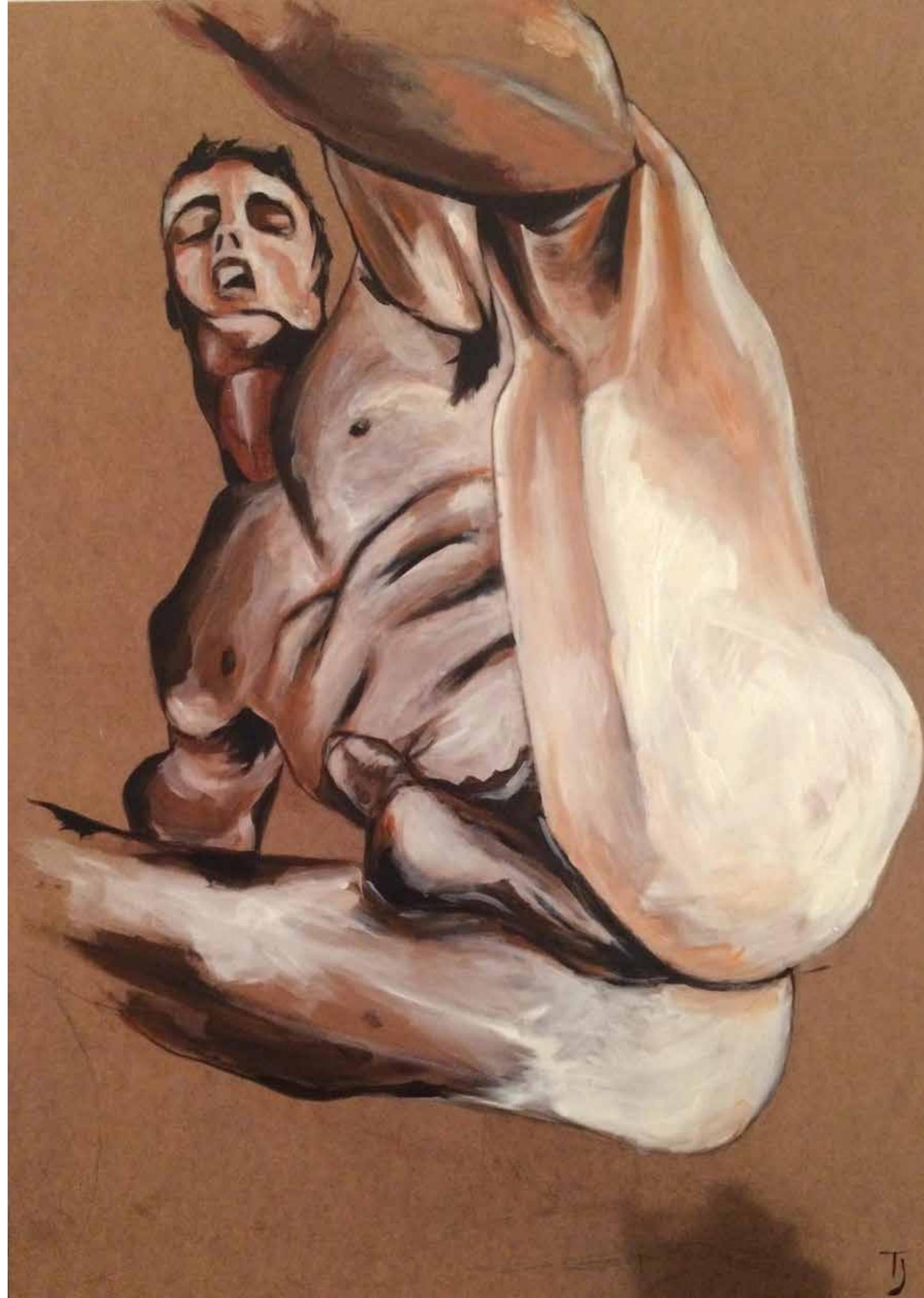
Eu gosto de retratar o pênis em estado normal. É tão erótico quanto as preliminares.

Toda tensão corporal é meio de expressão para Thierry, então, a ereção se torna importante mesmo que difícil de ser retratada e aceita. Vai construindo um “jardim de imagens” com fotos até que sente a necessidade de criar algo que traduza sua sensibilidade sem filtros. Em certas ocasiões, opta pelo uso de modelos para poder alterar iluminação e posição da forma que deseja, permitindo-o sentir a sensualidade que quer transmitir.

Ele diz que sua arte foi sua segunda “saída do armário” e que a reação de gays e héteros à sua obra é similar:

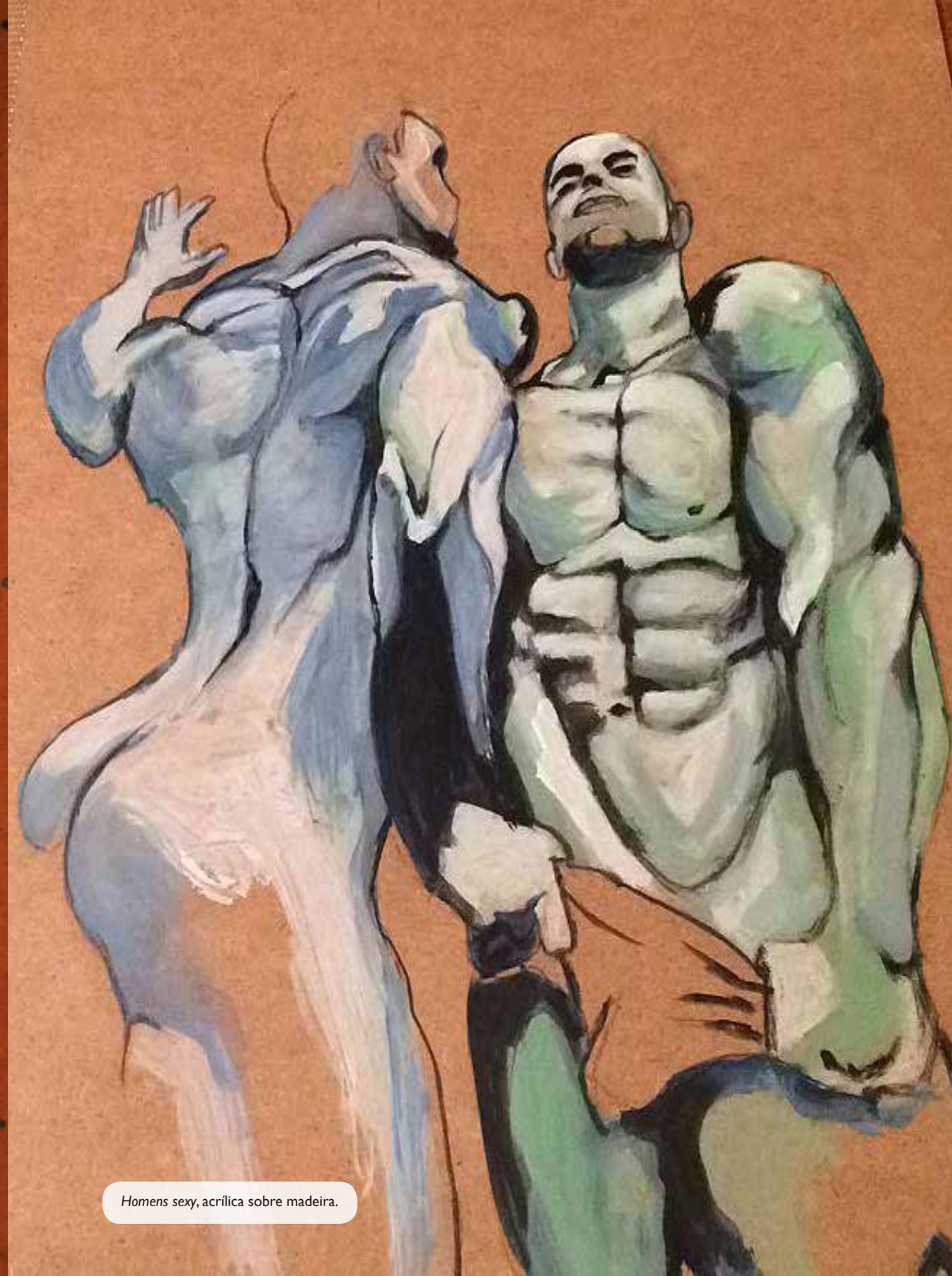
É estranho e, ao mesmo tempo, excitante ver o constrangimento das pessoas.

Ecstasy. esboço e obra em criação. (obra final ao lado)





Casal nu, acrílica sobre madeira.



Homens sexy, acrílica sobre madeira.



Doce e forte, acrílica sobre madeira.



Esboços para Nu de costas, Homem nu, Masturbação I e Masturbação 2.



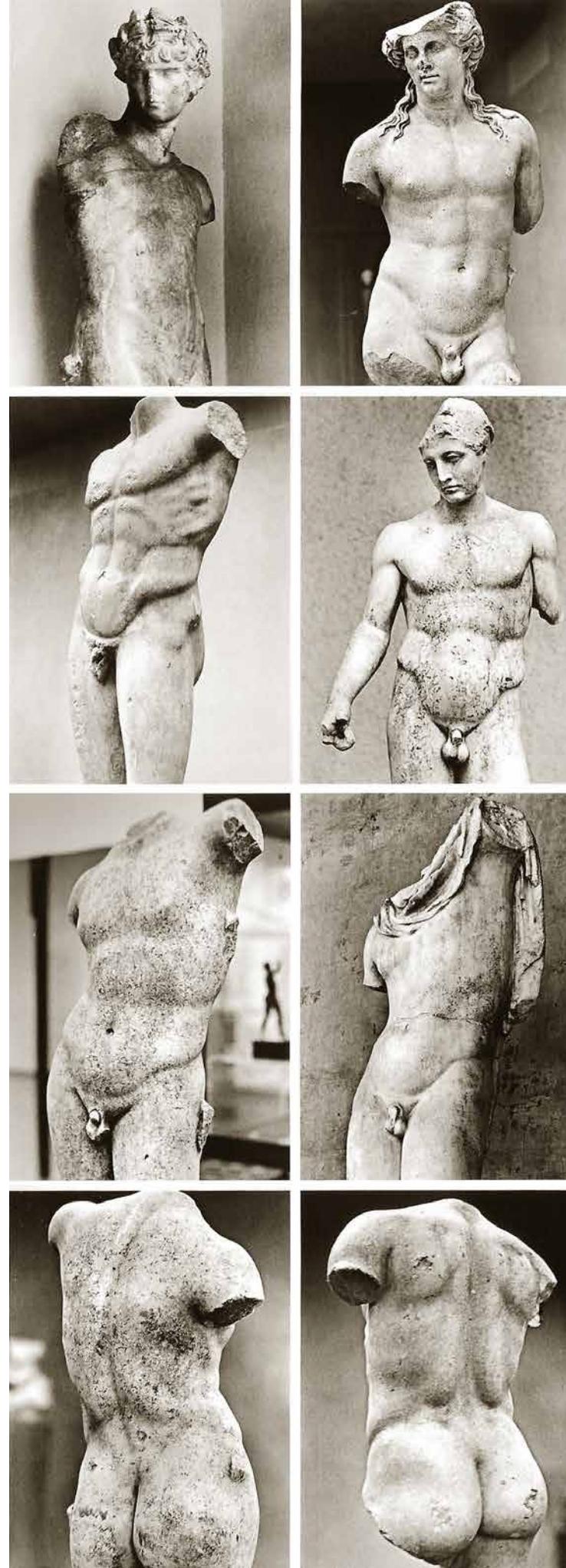


Thierry em seu ateliê.

No início, Thierry também se sentiu envergonhado, mas assumiu sua liberdade artística e passou a entender o papel político do que faz:

Em nossa sociedade moderna, podemos exibir guerra, mas nudez é proibida! Então, eu mostro o nu frontal masculino como uma arma! Não preciso seguir dogmas puritanos.

Amante da história da arte, lembra que os cânones de beleza da Antiguidade eram homens nus, mas percebe que hoje a nudez masculina revela a vulnerabilidade do mundo liderado pela testosterona. Thierry usa, então, sua arte para ampliar essa discussão. **8=D**



Cirurgia plástica para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com



Sensibilidade, acrílica sobre tela.





Janssem Cardoso

por Filipe Chagas

Quando criança, na cidade de Benjamim Constant, no Amazonas, fronteira com o Peru, Janssem Cardoso gostava muito de arte, mas ainda não pensava que poderia fazer isso para a vida. Ao estudar pintura digital, voltou ao desenho, às animações, ao design e à produção de imagens em fotografia e vídeo. Um processo demorado, porém, necessário.

As pessoas são sua inspiração. Para ele, um bate-papo é fundamental para se estabelecer uma relação íntima e artística que irá gerar as imagens. O nu apareceu no projeto Other Colours, com diferentes gêneros e - é claro - cores, mas a primeira vez foi com um homem. Ele conta:

Fomos para uma cachoeira em um dia que tinha tudo pra dar errado. Chovia, fazia frio e nos embrenhamos no desconhecido. Era a primeira vez que alguém ficava pelado na minha frente para ser fotografada e tentei agir naturalmente, perceber o tempo dele para as fotos. Acabou sendo muito tranquilo, apesar do frio e da chuva.





Nesse projeto, Janssem se preocupa em retratar a pessoa sem pose, sem roupa, sem armaduras, de forma que ela se reconheça como ela é de verdade em suas próprias “cores” interiores. Para isso, se isenta de seus próprios desejos e preconceitos para se concentrar na melhor imagem. A nudez frontal masculina, portanto, aparece normalmente:

Nesse momento meu olhar é para além do nu. Claro que, para quem vê, pode ter uma interpretação diferente da minha, mas não posso controlar isso. Busco que as pessoas primeiro vejam uma ideia e depois o resto.





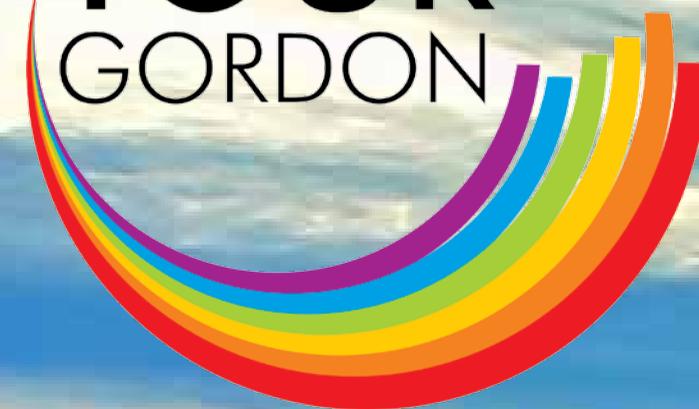


Modelos: Renan Oliveira, Bruno Ribeiro, Albert Magno, Gael Gramaccio, Rodrigo Turra, Carlos Henrique Almeida, Petros Santos, Fabio Lopes e Thiago Moura.

Apesar de um reconhecer o levante de puritanismo excessivo, Janssem percebe que o autoconhecimento permite a discussão sobre os temas que propõe. Sabe que é através do respeito mútuo que se faz a melhor propaganda para a abertura de novos caminhos. Caminhos de libertação e aceitação. **8=D**



TOUR GORDON



NY

SIGHTSEEING TRANSFER PHOTOGRAPHY VIDEO

We truly LOVE what WE do and WE want to serve YOU whenever YOU want.

www.tourgordon.com

tourgordon212@gmail.com

+1 551 221-0341



Mehmet

Falo de História

por Filipe Chagas

Sylvia Sleigh

1916 - 2010



Nu imperial: Paul Rosano, óleo sobre tela, 1975.



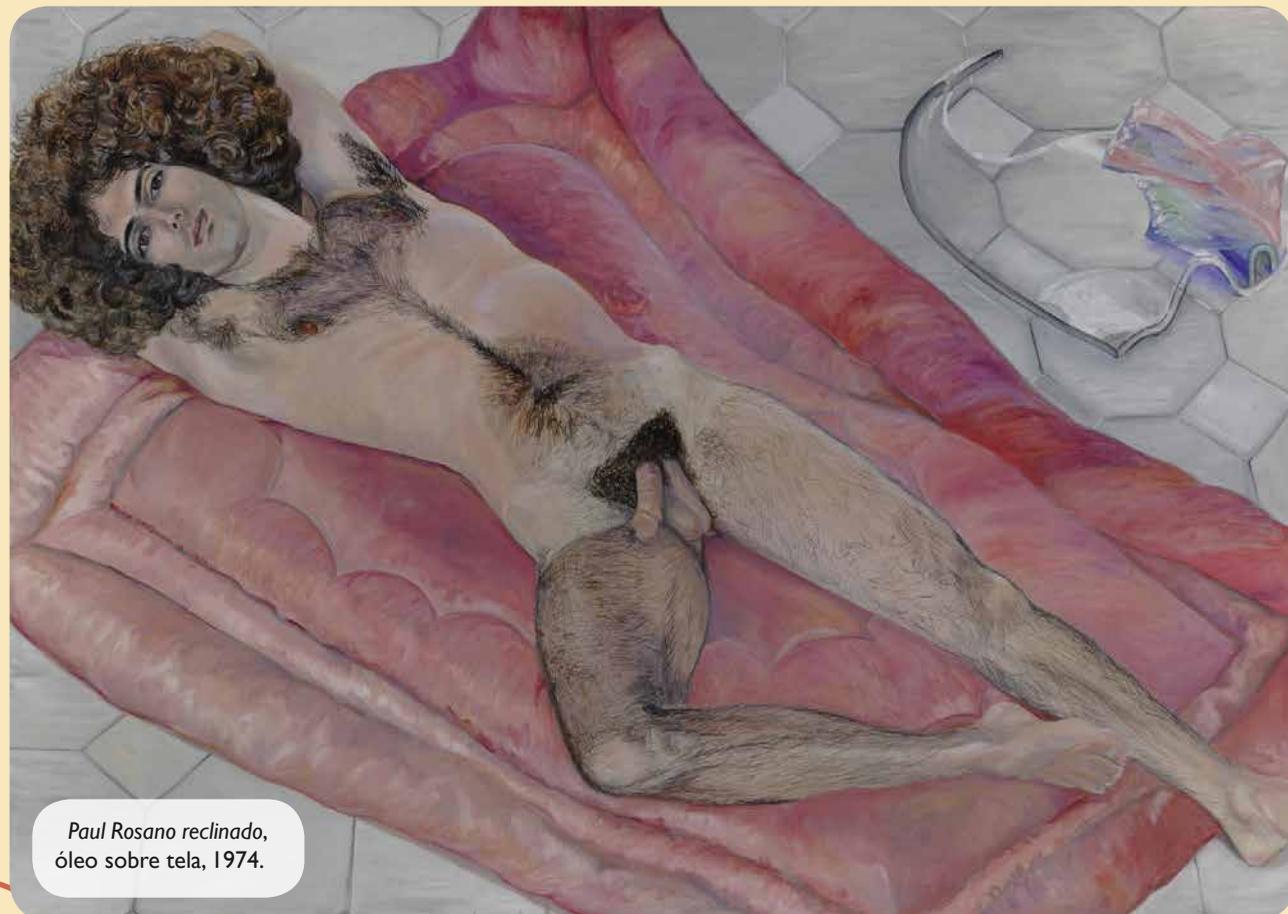
A noiva (Retrato de Lawrence Alloway), óleo sobre tela, 1949.

Sylvia Sleigh (1916-2010) foi uma pintora realista nascida no País de Gales e naturalizada estadunidense. Estudou pintura na Brighton Art School, numa época em que as alunas de arte eram, como ela lembrava, “tratadas de uma forma de segunda classe”. Depois de finalizar seus estudos, trabalhou em uma loja de roupas femininas e disse sentir orgulho por ter despedido Vivien Leigh. Abriu sua própria loja em Brighton, fazendo chapéus, casacos e vestidos, mas fechou quando a Segunda Guerra Mundial começou.

Mudou para Londres em 1941 após seu primeiro casamento com Michael Greenwood e voltou à pintura. Sua primeira exposição ocorreu em 1953 na Kensington Art Gallery com naturezas-mortas, paisagens e retratos, em óleo ou aquarela, mas se manteve na obscuridade. Conheceu seu segundo marido, o



Banho turco, óleo sobre tela, 1973.



Paul Rosano reclinado, óleo sobre tela, 1974.

curador e crítico de arte Lawrence Alloway (que deu o nome à Pop Art), enquanto tinha aulas noturnas na Universidade de Londres e ele era seu “muso”; casaram-se em 1954 e mudaram-se para os EUA em 1961. Juntos criaram uma casa que recebeu artistas, escritores e músicos, muitos dos quais Sylvia pintou em obras que irradiam uma sensação de amizade e apego emocional entre o artista e seus assistentes, além de apresentar uma série de figuras culturais significativas da época.

Por volta de 1970, a partir de princípios feministas, Sylvia pintou uma série de obras revertendo temas artísticos estereotipado ao colocar homens em posições tradicionalmente femininas, como uma Vênus reclinada ou uma odalisca. Alguns de seus trabalhos aludem à obras existentes, como sua versão para o *Banho Turco*, de Ingres (1892), onde retratou seu marido e outros críticos de arte. Seu marido, reclinado e olhando para a pintora - e, consequentemente, para o espectador – nos oferece um olhar íntimo, um vislumbre de sua relação pessoal.



Philip Golub reclinado, óleo sobre tela, 1971.

Philip Golub reclinado (1971) remete a *Vênus ao espelho*, de Velázquez. Esta obra também apresenta uma reversão do cânone ocidental e se coloca como central na reflexão sobre a posição das mulheres ao longo da História da Arte. Ao longo de sua carreira, Sylvia pintou mais de trinta trabalhos que apresentam o marido como tema, invertendo a mulher como uma artista ao invés de modelo ou musa.

Em seus nus masculinos, o sujeito é retratado como veículo para expressar sentimentos eróticos, assim como artistas homens representaram o nu feminino. Nas obras *Paul Rosano reclinado* e *Nu imperial: Paul Rosano* é possível ver o indivíduo retratado em posições feminilizadas para falar desses pré-conceitos sexualizados.

Outros trabalhos igualam o papel de homens e mulheres como *Concert Champêtre* (1976) em que todas as figuras estão nuas ao contrário de seu homônimo feito por Ticiano, onde somente as mulheres estão nuas. Como ela explicou:

Na página ao lado: *A corte de Pã*, óleo sobre tela, 1973.

Sinto que minhas pinturas mostram a igualdade entre homens e mulheres, entre mulheres e homens. Eu queria dar a minha perspectiva, retratando os dois sexos como pessoas inteligentes e atenciosas com dignidade e humanismo que enfatizavam amor e alegria. Era muito necessário fazer isso porque sempre foi difícil terem qualquer profissão com prestígio em nossa sociedade patriarcal chauvinista. Ainda mais para ambiciosas pintoras que desejassem trabalhar os assuntos mais conceituados, como a pintura de modelos nus, fossem femininos ou masculinos. Ao me dar conta dessa situação nos anos 60, fiz questão de encontrar modelos masculinos e os pintei como retratos, não como objetos sexuais, mas simpaticamente como pessoas inteligentes e admiradas, não como as mulheres eram tão frequentemente retratadas como virgens idealizadas e sem personalidade ou objetos de desejo em poses humilhantes. Eu não me importo com a parte “desejo”, é o “objeto” que não é muito legal.





Concert Champêtre,
óleo sobre tela, 1976.

Em um momento em que o discurso feminista estava surgindo, sua pintura destacava as desigualdades sociais e históricas de gênero no nível do que é ou não é considerado uma representação aceitável. Usava-a como ferramenta para induzir, através da lembrança das pinturas famosas, um efeito de estranhamento (ou distanciamento) para mostrar que o que percebemos como natural é, de fato, uma convenção ideologicamente carregada. Sua pintura *Lilith* (1976), por exemplo, criada como composição de uma instalação colaborativa, retrata os corpos sobrepostos de um homem e de uma mulher para esclarecer as semelhanças fundamentais entre os gêneros.

Mas não foi só essa inversão de papéis que destacaram a arte de Sylvia. Suas pinturas trouxeram revisitaram o Realismo do século XIX através de seu hábito de registrar os pêlos do corpo em detalhes minuciosos, as marcas de bronzeado e as vestimentas atualizadas



Lilith, óleo sobre tela, 1976.

pela moda, como jeans rasgados e chinelos. Os planos de fundo de suas pinturas faziam de tudo para ressaltar os corpos. O uso de padrões (como parte do tecido da mobília, do papel de parede ou de um jardim exuberante e maduro) se torna um efeito óptico de quase abstração da perspectiva, com a clara intenção de trabalhar contra a idealização da beleza.

Em 1999, ela completou seu trabalho mais ambicioso que já durava 20 anos: uma pastoral em grande escala que lembrava Watteau. *Convite para uma viagem: o rio Hudson em Fishkill* consistia em 14 painéis contínuos que se estendiam até um comprimento de 20 metros, representando um grupo de amigos reunidos nas margens do Hudson perto dos trilhos do trem, alguns fazendo piquenique na grama, outros passeando ou descansando no cenário arcade do rio.

38

Sylvia foi fundadora da SOHO Art Gallery e participou da Artists in Residence Gallery, duas galerias cooperativas somente de mulheres. Pintou uma série de retratos de artistas mulheres (nuas e vestidas) e chegou a dar aulas em universidades americanas,

documentando a ascensão do movimento de arte feminista. Em uma entrevista em 2007, foi perguntado se as questões de igualdade de gênero no mundo da arte mainstream, e no mundo em geral, haviam mudado para melhor. Ela respondeu:

Eu acho que as coisas melhoraram para as mulheres em geral, há muito mais mulheres no governo, na lei e em trabalhos corporativos, mas é muito mais difícil no mundo da arte. Ainda há mais que precisa ser feito para que homens e mulheres sejam tratados como iguais no mundo da arte.

Seu olhar feminino sobre as perfeitas imperfeições de ambos os gêneros possuem até hoje um forte impacto sobre os espectadores e as qualidades formais de sua pintura são comoventemente contemporâneas. Faleceu em 2010 por causa de decorrências de um derrame, porém, nas últimas duas décadas de sua vida, obteve o reconhecimento merecido na comunidade artística e nos movimentos feministas. **8=D**



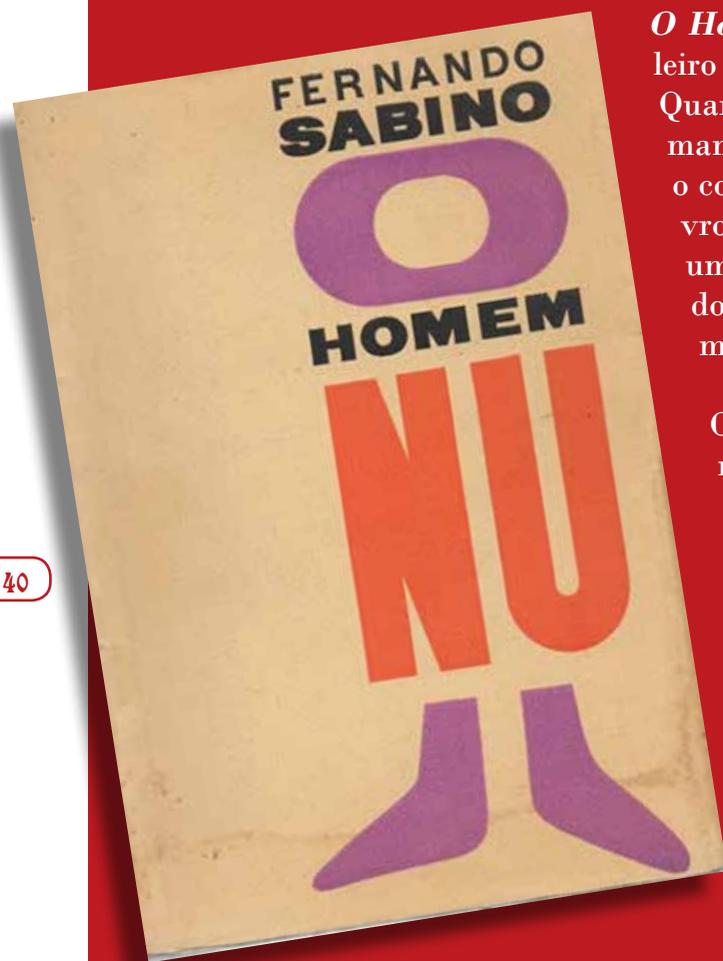
Convite para uma viagem: o rio Hudson em Fishkill, painéis a óleo, 1979-1999.



A emoção estética, escultura em bronze polido de Sidney Amaral, s.d.

O Homem Nu

por Filipe Chagas



O Homem Nu é um livro do escritor brasileiro Fernando Sabino, publicado em 1960. Quarenta crônicas e pequenos contos formam a publicação, que traz reflexões sobre o cotidiano. A crônica que dá o título ao livro tem apenas quatro páginas e fala sobre um homem que, ao ir apanhar o pão, se vê do lado de fora do apartamento completamente nu, sem conseguir entrar.

O conto teve duas adaptações para o cinema. A primeira, em 1968, dirigida por Roberto Santos e protagonizada por Paulo José (foto abaixo), não teve um resultado que Sabino gostou. Fez, então, sua própria roteirização da história e transformou o material na novela *A nudez da verdade*, que em 1994 entrou na trilogia *Aqui estamos todos nus*. Em 1997, Hugo Carvana dirigiu a outra adaptação cinematográfica do conto com Cláudio Marzo (foto ao lado) no papel-título.



Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído

da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não – repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! – gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de

pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

Nu não, livre

Formado em Comunicação Digital, Allan Lucena encontrou na Arte da Palavra sua forma de expressão. Teve a oportunidade de publicar contos e poesias em revistas online e jornais. Escreve no blog *Umikizu* (www.umikizu.art.br) desde 2010 e, este ano, publicou o livro *Ensaio Umikizu* pela Editora Madrepérola.

Ele estava nu! Nu em pelo!
Era ele e ele, sozinho, inteiro.
Estava sem roupas, sem zelo.
Estava perdido dentro de si.

Não seria sábio fazê-lo.
Mas não havia problema
Não para quem o via.
Era só uma poesia viva.

Encorpado, num corpo sem cuidados
Havia tudo que em qualquer outro tinha
Corpo de homem. Corpo pelado.
Era um corpo, mas havia mais a vista.

Aliás, não havia, e tudo estava exposto.
Não havia vergonha, não havia falsidade.
Não estava pelado, estava nu, sem medos.
Estava nu e aberto aos olhos sem pudores.

— Mas que vergonha! – Gritou um senhor indisposto.
— É uma maravilha! – Suspirou uma estudante.
— Será uma pegadinha? – Indagou uma senhorita.
Era um corpo sem embalagem, sem imposto.

Parado, observou os passantes e riu-se.
Sacudiu-se todo, como se dançasse.
E em passos longos, braços no ar, girava
Passeou pelo gramado, cantarolando baixo.

Ouviu um som agudo e o giroflex ligado.
Foi levado algemado para o primeiro DP.
Julgado e liberado por ser mais do que parece
Taxado de louco, saiu rindo da normalidade.

Ele estava nu! Nu em pelo!
Era ele e ele, sozinho, inteiro.
Estava sem roupas, sem zelo.
Estava perdido dentro de si.

Não seria sábio fazê-lo.
Mas não havia problema
Não para quem o via.
Era só uma poesia viva.

Encorpado, num corpo sem cuidados
Havia tudo que em qualquer outro tinha
Corpo de homem. Corpo pelado.
Era um corpo, mas havia mais a vista.

Aliás, não havia, e tudo estava exposto.
Não havia vergonha, não havia falsidade.
Não estava pelado, estava nu, sem medos.
Estava nu e aberto aos olhos sem pudores.

— Mas que vergonha! – Gritou um senhor indisposto.
— É uma maravilha! – Suspirou uma estudante.
— Será uma pegadinha? – Indagou uma senhorita.
Era um corpo sem embalagem, sem imposto.

Parado, observou os passantes e riu-se.
Sacudiu-se todo, como se dançasse.
E em passos longos, braços no ar, girava
Passeou pelo gramado, cantarolando baixo.

Ouviu um som agudo e o giroflex ligado.
Foi levado algemado para o primeiro DP.
Julgado e condenado pela liberdade de ser.
Foi preso e morreu vestido sem seu querer.

Com dois finais, a poesia muda apenas os dois últimos versos e expressa a liberdade da nudez através da loucura de um homem que despe-se completamente e dança como se o mundo não tivesse problemas. Em um final, a realidade é evidenciada e nada muda. No outro, vence a loucura. Ou a liberdade. O que o leitor preferir.

Bom Dia!

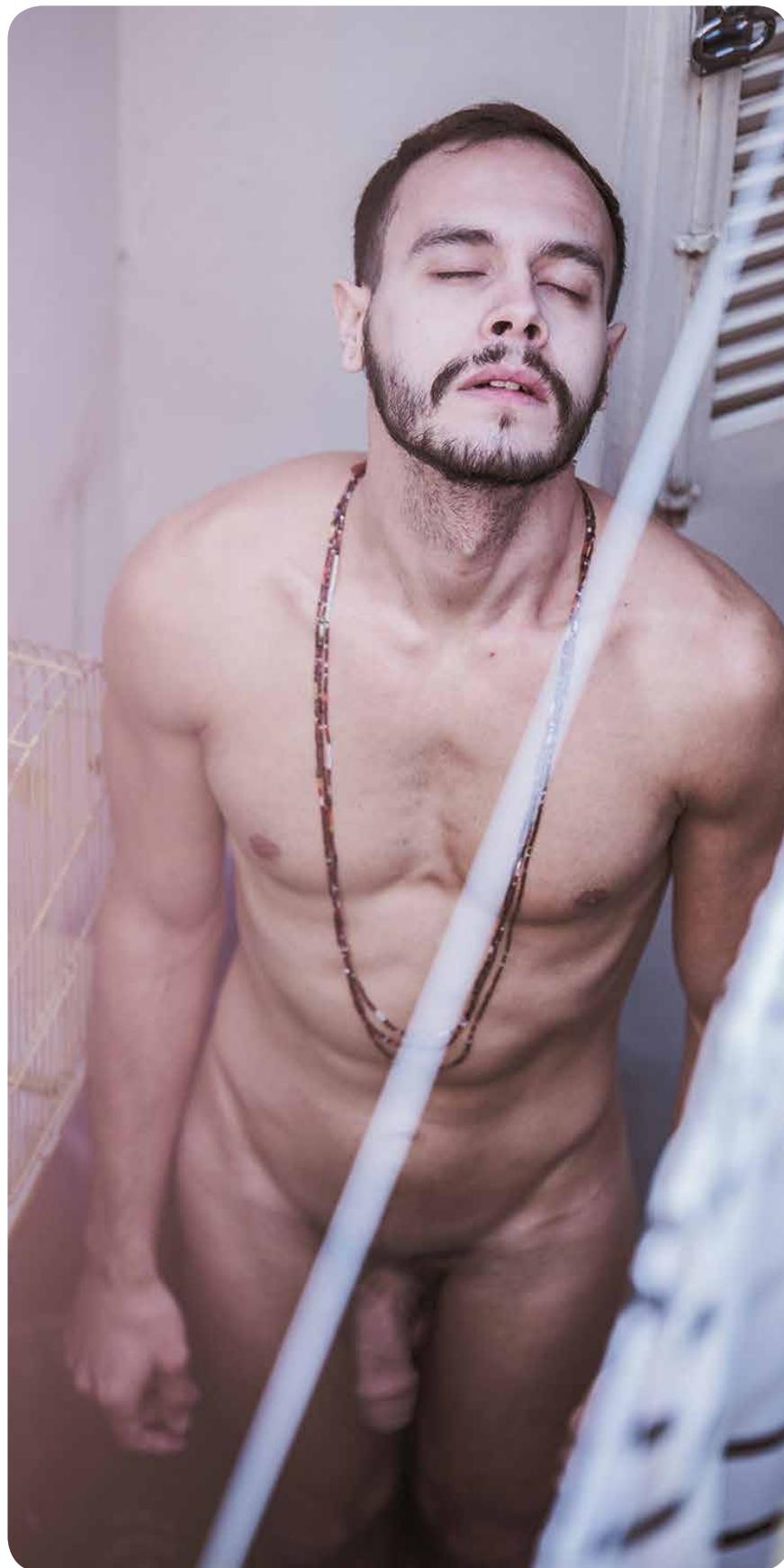
por **Guilherme Nascimento Valadares**
Editor-chefe do *Papo de Homem*, co-fundador d'o lugar.
Membro do Comitê #ElesporElas, da ONU Mulheres e
professor do programa CEB (*Cultivating Emotional Balance*).
Texto publicado em 9 de junho de 2016. [revisado]

Quase toda semana nos perguntam: “Por que o site se chama *Papo de Homem*? Esse nome não seria excludente, clube do bolinha demais?”

Respondo que não. A ideia é desconstruir os limites do que seria um papo de homens. Acreditamos que há vida além de mulher, cerveja e futebol, e dos papéis de gênero usuais. Afinal, papo de homem não é papo de hétero.

Não aspiramos impor que “o diferente é que é legal”. Só quebramos as caixinhas de sempre pra mostrar que é ok ser como quisermos. “O diferente também é legal” seria nossa mensagem. Mais nada.

Enxergo nossa jornada editorial ao longo dos anos como um processo bem humano. Mais do que um veículo, somos uma comunidade. Nascemos de uma roda de homens confusos que conversava pelo *Yahoo Groups*. Não dá pra dizer que, mais de dez anos atrás, nossa visão já era assim, toda arrumadinha e estruturada, com artigos explicando



homens possíveis e propondo amores menos fantasiosos. Começamos querendo ser mais felizes e nos ajudando a sofrer menos, mas cheios de cegueiras.

Por exemplo, nos sentíamos os cavalheiros conscientes e bonitões da bala chita, sem nos dar conta do quão machista e arrogante era a postura de vários dos textos publicados. Perdi a conta de quantas besteiras falamos ao longo dessa década de existência – muitas assinadas por mim. O editorial andava junto com o sangue da comunidade, que ainda pulsa por trás de cada artigo.

Desse reconhecimento do PdH como um veículo acima de tudo humano, surgiu uma capacidade de nos levar menos a sério e ajustar a rota com mais facilidade. Errar e escutar faz parte de nossa rotina, não é uma vergonha pra nós. É o que pessoas de bom senso fazem todos os dias, acho.

“Se algo faz sentido, podemos experimentar”, um dos lemas da casa



Expandir o olhar do sensual iniciado pela série *Bom dia* para além da heteronormatividade – termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas – faz muito sentido.

Pra quem não sabe, a série começou em setembro de 2011 regida por um olhar bem objetificador, ainda que exploratório e curioso em sua essência (fizemos um Google Docs compartilhando aspirações do projeto, com todos da casa). Nove meses depois, tornou-se para maiores de 18 anos com fotos mais explícitas.

Com o passar do tempo, as pauladas recebidas, muito diálogo nos comentários e nas reuniões de pauta, com paciência pra entender que processos são construção e não botões de liga-desliga, com ajuda dos fotógrafos e fôlego incansável do Jader Pires zelando pelo amadurecimento dos ensaios publicados, fomos melhorando.

Gay também é homem. E homem hétero pode gostar de ver

outros homens, por curiosidade, pra querer saber como são outros corpos e paus que talvez tenha medo de olhar no vestiário, pra superar neuras de uma sociedade falocêntrica – a convicção baseada na ideia de superioridade masculina, na qual o pênis ereto representa o valor significativo fundamental –, que às vezes parece idolatrar rolas e dizer que homem bom é pauzudo, fodedor, ambicioso, de família e de sucesso. Essa noção de masculinidade pode ser aprisionante.

O primeiro homem apareceu somente em novembro de 2014, quando a fotógrafa Dani L. resolveu expandir seu trabalho para o corpo nu masculino (até esta edição 28 ensaios do *Bom Dia* com nudez masculina foram realizados.) O *Bom dia* tornou-se um espaço pra diversidade.

Queremos ser mais acolhedores com outros tons de pele e corpos e orientações sexuais. Por isso, nossa intenção é que a série cresça. E que sejam publicados cada vez mais ensaios de homens, de homens e mulheres negras e também de mulheres e homens com corpos fora do padrão.



Todas as fotos deste artigo são de Janssem Cardoso, nosso fotógrafo convidado do mês, que também participou da série *Bom Dia* no site *Papo de Homem*. O modelo é o ator Vitor Placca.

Ninguém é obrigado a gostar de todos. Basta acessar e comentar os que lhe apeteçam e ignorar os demais. Não estamos aqui pra colocar cabresto em vocês, só queremos oferecer algo que já poderia estar na mídia há muitíssimo tempo, que talvez só não aconteça ainda por falta de alguém dar o primeiro passo.

Falta, quem sabe, coragem.

Sendo então em prol da democracia e diversidade de corpos, paus, bucetas e peitos, também em defesa dos múltiplos olhares e interpretações para o sensual, fantasias, taras e tesões desse mundão que não acaba mais, abrimos o convite para receber uma enxurrada de ensaios com homens. Fotógrafos de talento, cliquem. Homens dispostos, se façam fotografar:

Quebrem essas caixas!

O convite vale também para o que mais faltar no *Bom dia*. Fotógrafos, fotografem mais corpos e tons de pele fora do padrão e nos enviem. Há poucos ensaios com pessoas negras, não-magras, deficientes. Convidadíssimos estejam. A exploração do *Bom dia* – em torno do nu, sensualidade e sexualidade – segue. 8=D



Por que as estátuas tem pau pequeno?

por Filipe Chagas

Os gregos antigos ficaram famosos por suas esculturas de homens poderosos e ilustres com corpos perfeitos, músculos tensos e marcados. Às vezes, essas figuras apareciam parcialmente cobertas por um pano; porém, em sua maioria, estavam completamente nuas. Para o olho contemporâneo, seus corpos se aproximam do ideal, exceto por um “pequeno” detalhe: seu falo de tamanho abaixo da média.

Tá com frio, Davi?

Na maioria dos casos, chega-se a uma desproporcionalidade de tamanho comparando o maciço dos corpos de mármore ao flácido membro, principalmente em caso de deuses conhecidos por sua masculinidade – como Zeus ou Hércules – ou imperadores, homens da elite e grandes atletas de personalidades miticamente grandiosas. Será que os modelos de referência eram usuários de alguma espécie de antigo anabolizante? Ou o frio europeu se juntava com uma timidez enorme na hora de posar para a obra?

Nada disso.

A exposição do corpo nu fazia parte da vida grega, começando desde a tenra idade nas atividades físicas. Inclusive, a palavra “ginástica” é composta por “gymnos” (nu) + “ica” (arte de), ou seja, a arte de estar nu, enquanto, “ginásio” era o local de se exercitar nu. Logo, o tamanho do pênis dos gregos era desde sempre bem conhecido por toda a sociedade. Apesar de muitos dos modelos que posavam para as estátuas terem sido atletas durante ou após exercício físico (isso influencia na circulação sanguínea do corpo e – consequentemente – no tamanho), havia um motivo real para essa escolha estética.

Enquanto hoje ser bem dotado é muitas vezes equiparado ao poder e mesmo à boa liderança, o pênis nunca foi um sinal de virilidade ou masculinidade na Grécia Antiga. A potência vinha do intelecto necessário para responsabilizar o homem pela paternidade, prover à linha familiar e sustentar a polis (cidade-estado). Em sua peça “As Nuvens” (c. 419-423 a.C.), o dramaturgo grego Aristófanes resumiu os traços ideais de seus pares masculinos:

“Se você faz essas coisas, digolhe, e duplique seus esforços para eles, você sempre terá um peito brilhante, uma pele reluzente, ombros



Hércules Farnese (estátua em mármore) mostra o grande herói grego da humanidade em toda sua glória... e civilidade.





grandes, uma língua minúscula, um traseiro grande e uma pequena pica. Mas se você seguir as práticas de hoje, para começar você terá uma pele pálida, ombros pequenos, um peito magro, uma língua grande, um pequeno traseiro, uma grande pica e um decreto de longo curso.”

Portanto, o pequeno tamanho estava em consonância com os ideais gregos de beleza masculina, um sinal de alta cultura e modelo de civilidade. O historiador da arte Paul Chrystal diz que o pênis grande ou ereto não era considerado desejável porque trazia características animais ao homem:

“Os grandes pênis eram vulgares e fora da norma cultural, algo exibido pelos bárbaros do mundo.”

Por exemplo, os sátiros lascivos que acompanhavam as celebrações orgiásticas do deus Dioniso, eram retratados com órgãos genitais eretos, às vezes quase tão grandes quanto seus torsos. De acordo com a mitologia, essas criaturas eram parte homem, parte animal, sem quaisquer restrições – uma qualidade vilipendiada pela alta sociedade grega.

A historiadora da arte Ellen Oredson acrescenta que o nu artístico com ereção carrega uma sexualidade que mudaria o sentido das obras e apresentaria uma atitude pouco profissional do artista (ainda seriam tachadas de pornográficas hoje em dia). Ela também lembra a história de Príapo, um deus grego da fertilidade amaldiçoado por Hera com feiúra, loucura e uma ereção permanente. Era tão desprezado pelos outros deuses que foi exilado do Olimpo. No entanto, o falo ereto se manteve como símbolo de abundância, sorte, fertilidade e saúde, sendo usados em forma de amuleto em vários rituais.

Na comédia grega, os bobos e loucos também costumam aparecer com grandes órgãos genitais, “o sinal da estupidez, mais uma besta do que um homem”, segundo Chrystal. O foco se concentrava no tamanho hilário/grotesco do membro e não no desenvolvimento psicológico e emocional do personagem. Assim como as representações artísticas que

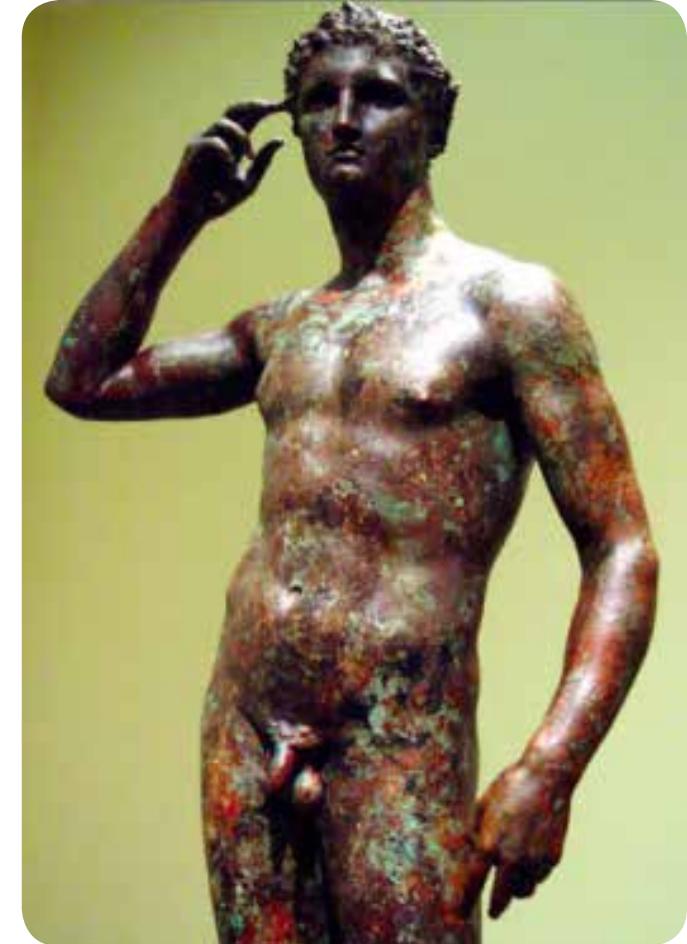
os gregos faziam dos egípcios, diz o historiador Andrew Lear, que eram seus inimigos.

Desta forma, sátiros, bobos e inimigos serviram de parâmetros de oposição para deuses e heróis masculinos, que foram honrados por seu próprio controle e inteligência. Diz Lear:

“Se grandes falos representavam apetite glutão, então conclui-se que o pênis pequeno e flácido representava autocontrole.”

Uma estátua masculina nua em si já é uma celebração da masculinidade e, embora os genitais façam parte disso, era mais importante mostrar sua sofisticação e racionalidade – uma das virtudes mais prezadas pelos gregos – através de um corpo masculino ideal com um tamanho de pênis civilizado. “O homem grego ideal era racional, intelectual e tinha uma aura de autoridade”, diz Oredson. “Ele podia fazer muito sexo, mas isso não estava relacionado ao tamanho de seu pênis, e um pênis pequeno o permitia se manter friamente lógico.”

Dessa forma, em toda a arte grega antiga, a representação do falo – e seu tamanho variado – era simbólica. Como sugere Lear, os artistas da época retrataram nus masculinos com grande frequência, mesmo quando um personagem ou narrativa não exigia isso, porque o pênis funcionava como um “índice de personagem”, ou seja, indicava se um homem era respeitável ou não. O prepúcio também era um referencial simbólico, pois a exposição da glândula representava a falta de limites e restrições. Um pênis pequeno e não-circuncidado mantinha a imagem do homem controlado, jovial e de cultura nobre, um indício sintomático de que se permanecia preservado da corrupção inevitável da vida.



A enorme diferença entre a *Vitoriosa juventude grega* e o *Príapo pompeiano*.





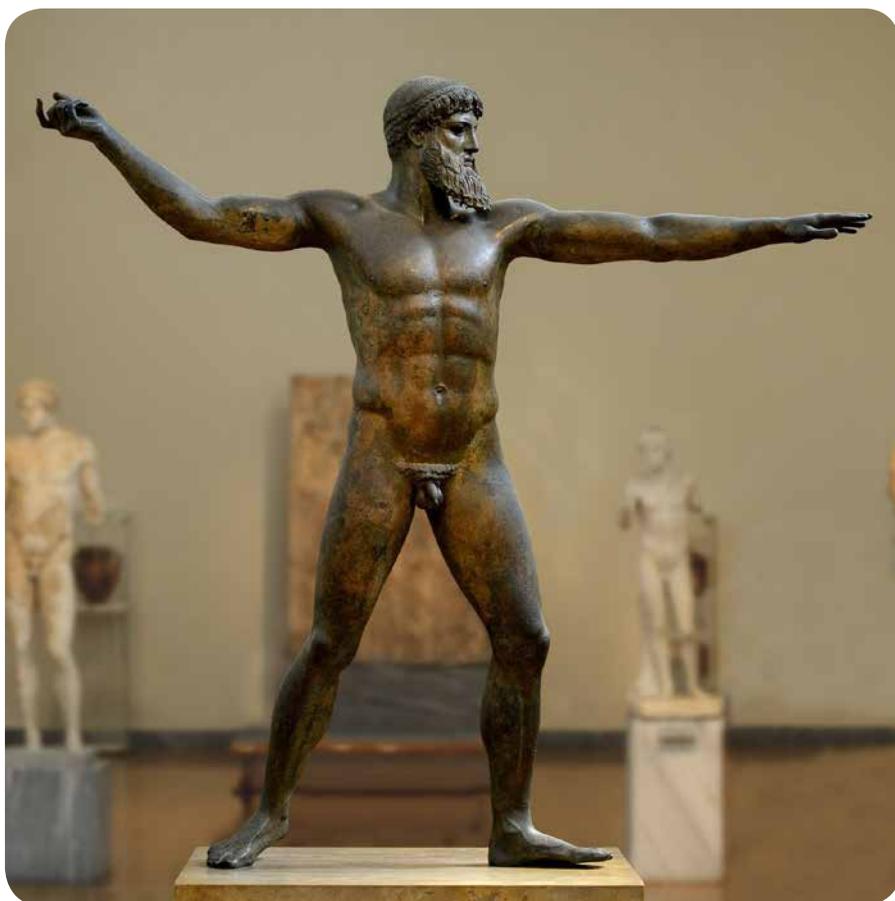
Oredson frisa que, apesar das escavações em Pompeia e Herculano mostrarem que os romanos apreciavam representações hedonistas com falos maiores (provavelmente por seu contato com civilizações bárbaras), eles mantiveram a estética grega, que reverberou pela arte ocidental, como por exemplo, no Davi de Michelangelo.

Especificamente o Davi possui outra possível teoria sobre o tamanho do seu falo. Em 2005, dois médicos florentinos publicaram um artigo argumentando que o pênis de Davi estava reduzido pelo medo. Quando visto de frente, o rosto de Davi pareceria assustado e preocupado, por causa de sua iminente luta com o gigante Golias. Os médicos argumentam que Michelangelo esculpiu todos os detalhes no corpo para ser consistente com sintomas de medo e tensão, incluindo seus órgãos genitais. Apesar desses sintomas introduzirem uma certa vulnerabilidade, a estátua de Michelangelo nunca perdeu sua imponência e continua sendo uma das obras mais celebradas.

Enquanto para Freud, “mostrar o pênis” significa “não tenho medo de ti, te enfrento, possuo um pênis”, para Lacan, pênis (objeto real) e falo (objeto imaginário) são coisas distintas. E, na desumana sociedade do hiperrendimento, não há espaço para a falha (cuja raiz etimológica reside na palavra “falo”), transformando o grande objeto

imaginário em uma ameaça à performance do homem.

Com isso, todos aqueles que se incomodam com seus tamanhos ganharam uma arma para enfrentar suas ansiedades: já podem dizer que são honestos, civilizados e – mesmo falhos ou com medo – divinos! 8=D



Poseidon ou Zeus Artemision (estátua em bronze, 460 a.C.).





estudionu.com.br

📷 @estudio.nu

estúdio



FOTOGRAFIA PROFISSIONAL FILMAGENS
LOCAÇÃO CINEMATOGRAFICA COZINHA-ESTÚDIO
EVENTOS POCKET-SHOWS PERFORMANCES
EXPOSIÇÕES FESTAS RECEPÇÕES
AULAS WORKSHOPS ENSAIOS ABERTURAS



Modelo: Marco Polo. (selfie)



FALO

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

